

Entre bogotazos e maracanazos

*MARCELO DE PAIVA ABREU**

Uma ampla maioria dos brasileiros acredita que o Brasil obterá o “hexacampeonato” na vigésima Copa do Mundo de futebol. No passado, quando as firulas de marketing eram mais modestas, hexacampeonato queria dizer seis títulos seguidos. Mas em um país com tradição de inflação alta talvez tal ufanismo seja compreensível.

O que não é muito claro é como diferentes cenários futebolísticos poderio afetar as eleições presidenciais. Uma visão instintiva levaria à suposição de que uma vitória do Brasil seria favorável à presidente da República e que a derrota favoreceria a oposição, tomando um segundo turno quase inevitável e talvez até fatal para o projeto de reeleição.

Um exame do retrospecto do impacto de resultados nas Copas precedentes sobre as eleições presidenciais brasileiras gera resultados contraditórios. Das 19 Copas realizadas entre 1930 e 2010, todas com participação brasileira, 6 foram realizadas em anos em que o Brasil estava sob regimes ditatoriais: Estado Novo varguista, em 1938, e regime militar nas copas de 1966 a 1982. Das 13 copas restantes, 6 ou foram realizadas algum tempo após as eleições presidenciais (eleição de Júlio Prestes em maio de 1930 e de Fernando Collor em novembro de 1989) ou corresponderam a anos de eleições legislativas, mas não presidenciais. Sete Copas foram realizadas algum tempo antes de eleições presidenciais: 1934, 1950 e, em decorrência da redução do mandato presidencial para quatro anos, de 1994 até 2010.

A eleição de 1934 deve ser desconsiderada. Embora a eliminação da seleção tenha sido em maio, a eleição em julho foi indireta e resultou na escolha de Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório até então. Restam para análise as Copas pós-1994 e a Copa de 1950.

Nas Copas a partir de 1994 o Brasil foi vitorioso em 1994 e 2002. A eleição de Fernando Henrique Cardoso, candidato “governista” em 1994, reverteu a grande vantagem inicial de Lula nas pesquisas de opinião, mas poucos contestariam a tese de que o resultado se deveu ao sucesso do Plano Real. Em 2002, Lula tinha vantagem ampla nas pesquisas realizadas um ano antes das eleições, a margem encurtou com a ascensão de Roseana Sarney mas, com a *débâcle* da candidata e a crise energética, o candidato petista retomou a frente de forma sustentada. Nos três fracassos nas Copas de 1998, 2006 e 2010, o candidato governista foi vitorioso, embora os grandes eleitores tenham sido o Plano Real (ainda) e o Bolsa Família. Tudo isso sugere que o resultado em copas tem influência limitada sobre resultados eleitorais, ao menos quando a Copa não é no Brasil.

Muitas análises têm sido centradas na comparação da Copa de 2014 com a de 1950, inclusive suprimindo paralelismo entre as críticas às obras atuais relacionadas à Copa e as obras do Maracanã, único estádio construído especialmente para a Copa em 1950. As precárias estimativas do custo do Maracanã e da Copa de 1950 sugerem gastos muito inferiores aos da Copa de 2014, mesmo que normalizados para levar em conta que a economia era então muito menor do que é hoje. Além disto, a situação política em 1950 guardava escassa semelhança

com a atual. Em eleição de um turno com três candidatos, Vargas era candidato híbrido, mobilizando, além da oposição petebista, parte do PSD. O resultado foi a “cristianização” de Cristiano Machado do PSD que, abandonado pelo partido, perdeu muitos votos para Vargas.

Moral da história: cada caso é um caso e a eleição de 2014 será provavelmente dominada pelos sombrios prognósticos para 2015, pela iminência da crise energética e pela residência das candidaturas de oposição. A menos, claro, de vexames catastróficos na organização do evento ou dentro do campo, combinados aos minibogotazos que estão em voga. Em 1950, o Maracanã estava quase pronto. A multidão só ficou triste.

* Doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é Professor Titular no Departamento de Economia da PUC-Rio.